

Poéticas cósmicas: a etnoastronomia na Arte Contemporânea

Cosmic Poetics: Ethnoastronomy in Contemporary Art

MARCO ANTÔNIO SANCHES CHERFÊM

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre arte, natureza e cosmos, com base nos saberes ancestrais dos povos originários e indígenas do Brasil. A partir dos princípios da etnoastronomia — campo que investiga as conexões entre as dimensões simbólicas desses povos e o universo, seus rituais e práticas —, o estudo demonstra como narrativas sobre o céu e a relação com os ciclos naturais determinam modos de existência e formas de se relacionar com o tempo e o espaço. Ao observar a paisagem celeste e sua miríade de estrelas, esses primeiros astrônomos registravam fenômenos de forma objetiva, transformando o encantamento astral em comunicação voltada a aspectos socioculturais, como o plantio e a organização do cotidiano. Ao abordar esses saberes pelo viés da arte, busca-se sensibilizar nossa relação com o universo e expandir experiências artísticas que conectem arte e cosmologias baseadas nos saberes pré-históricos da região do Sul Global, integrando ancestralidade em uma leitura crítica e poética. Conclui-se que tal reflexão é essencial para o aprendizado artístico e científico diante desses conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Contemporânea, Etnoastronomia, Artes Visuais

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the relationship between art, nature, and the cosmos, based on the ancestral knowledge of Brazil's indigenous and original peoples. Drawing on the principles of ethnoastronomy — a field that investigates the connections between these peoples' symbolic dimensions and the universe, their rituals, and practices — the study demonstrates how narratives about the sky and its natural cycles shape ways of existence and modes of relating to time and space. By observing the celestial landscape and its myriad stars, these early astronomers recorded phenomena objectively, transforming astral wonder into communication aimed at sociocultural aspects such as planting and daily organization. By approaching this knowledge through the lens of art, this work seeks to raise awareness of our relationship with the universe and expand artistic experiences that connect art with cosmologies rooted in prehistoric knowledge from the Global South, integrating ancestry in a critical and poetic reading. It concludes that such reflection is essential for artistic and scientific learning in light of this knowledge.

KEYWORDS

Indigenous astronomy, ethnoastronomy, time, space, arts

1. A paisagem celeste e o olhar sobre o Novo Mundo

Desde a Antiguidade, o ato de contemplar o céu desperta no ser humano tanto encantamento quanto questionamentos, motivando-o a elaborar explicações diversas — de narrativas míticas a interpretações científicas — em sua busca por

compreender o universo. A beleza e a dinâmica do firmamento¹ estimularam o pensamento humano ao longo dos séculos, possibilitando avanços no entendimento das dimensões cósmicas. Esse processo de construção de saberes, entretanto, sempre esteve vinculado às especificidades culturais de cada sociedade. Assim, diante da imensidão celeste, diferentes povos atribuíram significados particulares a determinados astros e fenômenos, integrando-os em suas próprias cosmologias.

Atualmente, na França, há registros datados de aproximadamente 17 mil anos, como os encontrados nas cavernas de *Lascaux* (Figura 1), que evidenciam observações do céu associadas à previsão das estações e à organização de calendários vinculados à agricultura. Do mesmo modo, vestígios nas pirâmides egípcias, nas culturas babilônica, mesopotâmica, grega e mesoamericana atestam a atenção humana voltada às estrelas, em busca de inteligibilidade e de sinais sobre o futuro. Da Mesopotâmia às Américas, os primeiros estudos do céu impactaram diversos aspectos culturais — da religião à divisão e organização do tempo. Povos migraram em busca de alimentação e de climas mais amenos, guiados pelas mudanças sazonais provocadas pela inclinação do eixo da Terra. Esse deslocamento constante evidencia que, desde o início, o destino humano esteve ligado ao céu (Capozzoli, 2011).



Figura 1. A) Pintura de um touro na caverna de *Lascaux*, juntamente com seis pontos pintados (acima do touro) que podem representar o aglomerado estelar das Plêiades. B) Aglomerado estelar das Plêiades (da NASA). Fonte: Museu Universitário de Arte – UFU. Fonte: <https://www.ancient-origins.net/ancient-places-europe/dating-lascaux-art-0017021> Fonte: <https://science.nasa.gov/asset/hubble/hubble-refines-distance-to-the-pleiades-star-cluster/>

¹ Firmamento. In: Dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Refere-se à abóbada celeste que cobre a Terra; em sentido figurado, ao conjunto de estrelas ou ao céu elevado e sublime.

Mais especificamente no Brasil, os povos indígenas desenvolveram uma astronomia própria: definiam o tempo de colheita, contavam dias, meses e anos, compreendiam a duração das marés e a chegada das chuvas. Desenhavam no céu mitos, lendas e códigos morais, fazendo do firmamento o esteio de sua vida cotidiana. A percepção de que caça, pesca, coleta e agricultura estavam sujeitas às flutuações sazonais levou-os a desvendar os mecanismos cósmicos em favor da sobrevivência coletiva.

Apesar das diferenças culturais e espaciais entre si, os grupos indígenas partilhavam a necessidade de sistematizar o acesso ao ecossistema do qual se reconheciam parte. O calendário foi construído a partir da leitura do céu e, embora nem todos atribuíssem o mesmo significado a fenômenos idênticos, cada grupo elaborava estratégias próprias de sobrevivência. Para compreender essas cosmologias — ou mesmo o estudo científico do universo como um todo — é preciso considerar, entre outros fatores, a localização geográfica em que se encontravam, seja no litoral, no interior ou em diferentes latitudes. Um exemplo claro é a região da linha do Equador, onde as estações do ano não se definem por variações significativas de temperatura.

O professor doutor Germano Afonso, astrônomo, físico e divulgador científico brasileiro, em suas pesquisas de etnoastronomia² tupi-guarani (Afonso, 2009), realizou diálogos informais e observações do céu junto a pajés de diversas regiões brasileiras. Além disso, recorreu a documentos históricos que relatam mitos, constelações e a importância da astronomia no cotidiano das famílias indígenas (Figura 2). Grupos tupi-guarani estão presentes em diferentes partes do Brasil, assim como na Guiana Francesa, Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru.

² Etnoastronomia investiga o conhecimento astronômico de grupos étnicos ou culturais contemporâneos que, em geral, não utilizam a astronomia ocidental (oficial), como é o caso dos povos indígenas que habitam o Brasil. Trata-se de um campo interdisciplinar, que requer a colaboração de áreas como Astronomia, Antropologia, Biologia e História. As pesquisas utilizam, entre outros recursos, documentos históricos que relatam mitos, constelações e a importância da astronomia no cotidiano das comunidades estudadas (Afonso, 2009).



Figura 2. Trechos do video Cuaracy Ra'Angaba – O céu Tupi Guarani. Fonte: <https://youtu.be/obuRxNgAh6c?si=LATJaIYPOU8W2W6h>

Para o professor, o que motivou a realização de seu trabalho de resgate da astronomia tupi-guarani foi a constatação de que o sistema astronômico dos tupinambás do Maranhão — registrado pelo missionário capuchinho francês Claude d'Abbeville e publicado originalmente em 1614, na França, conforme ilustrado nas Figuras 3 e 4 — apresenta notável semelhança com aquele utilizado atualmente pelos guaranis do sul do Brasil. Além disso, já registrava conhecimentos que somente séculos mais tarde seriam reconhecidos pela ciência europeia³. Isso ocorre apesar da distância entre as línguas (tupi e guarani), do espaço — mais de três mil quilômetros em linha reta — e do tempo — quase quatro séculos.

³ Um exemplo emblemático é o das marés: Galileu Galilei (1564–1642), dezoito anos após a publicação da obra de d'Abbeville, relacionou-as aos movimentos de rotação e translação da Terra, sem considerar a Lua. Apenas em 1687, com Isaac Newton (1643–1727), foi demonstrado que as marés eram causadas pela atração gravitacional do Sol e, sobretudo, da Lua — conhecimento já registrado pelos tupinambás no Maranhão no início do século XVII.

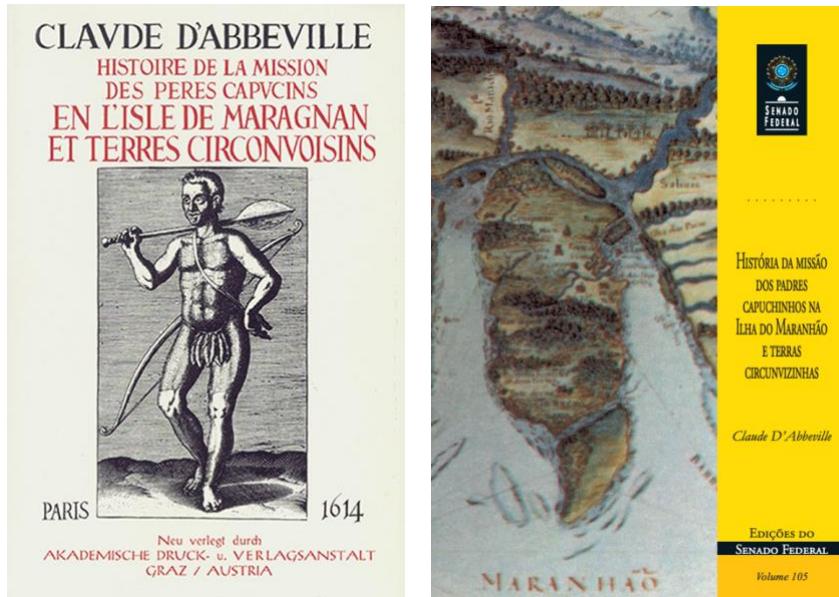


Figura 3. Capa do livro *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'île de Maragnan et terres circonvoisines*, publicado em 1614, na França, escrito por Claude d'Abbeville. Fonte: <https://www.abebooks.fr/Histoire-Mission-Pères-Capucins-Île-Maragnan/8369274078/bd> Figura 4. Capa da última edição (2008) do livro *História dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, de Claude d'Abbeville, considerada uma obra rara e disponível gratuitamente para download no site do Senado Federal. Fonte: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/576068/000838911_Historia_padres_capuchinhos_Maranhao.pdf

Para o professor Germano, embora exista um crescente interesse internacional pelos saberes tradicionais, tais conhecimentos correm o risco de serem perdidos ou esquecidos nas próximas gerações, devido à falta de pesquisa e ao pouco envolvimento da comunidade científica. Conforme afirma:

A comunidade científica, de modo geral, ainda conhece muito pouco sobre a astronomia indígena e sua relação com o ambiente — patrimônio imaterial que corre o risco de se perder em apenas uma ou duas gerações, em virtude do rápido processo de globalização que tende a homogeneizar culturas e apagar a diversidade. Esse risco é agravado pela ausência de pesquisas de campo, bem como pelas dificuldades em documentar, avaliar, validar, proteger e disseminar tais conhecimentos. Hoje, entretanto, cresce o interesse internacional pela preservação do saber tradicional e das práticas ancestrais de povos indígenas e comunidades locais, entendendo-as como fundamentais para a conservação da biodiversidade. (Afonso, 2006, p.50)

A arte, nesse sentido, pode desempenhar um papel fundamental não apenas como registro, mas também como linguagem capaz de traduzir e ressignificar tais saberes em experiências sensíveis. Em consonância com a ciência — que opera por meio de constatações e comprovações —, a arte abre espaço para

múltiplas leituras, metáforas e representações, configurando-se como território fértil para o diálogo entre diferentes cosmologias.

Ao incorporar narrativas indígenas sobre os astros e os ciclos da natureza, a prática artística não apenas recupera esses conhecimentos, mas também desafia a hegemonia de um pensamento ocidental que historicamente silenciou outras epistemologias. Trata-se de uma estratégia de decolonização, em que a arte atua como mediadora cultural, capaz de criar pontes entre o conhecimento acadêmico, a ciência moderna e os saberes tradicionais.

Assim, trabalhos visuais, instalações, performances ou narrativas gráficas podem constituir-se como dispositivos de memória e educação, permitindo que o público não só conheça, mas também vivencie as cosmologias indígenas em paralelo às teorias científicas. A arte, portanto, se coloca como recurso de preservação e atualização do patrimônio cultural imaterial, revelando conexões cósmicas que atravessam tempo, espaço e culturas (Figuras 5 a 7).



Figura 5. Observatório solar indígena localizado no centro de Curitiba. Fonte: UNINTER (2024) <https://www.uninter.com/noticias/curitiba-reforca-suas-origens-indigenas>



Figura 6. Escultura do *Homem Velho*, que representa a lenda em que a esposa corta a perna do marido e o mata para ficar com o cunhado; com pena dele, os deuses o transformam em constelação. Localizada no Observatório de Campinas — MAAS (Museu Aberto de Astronomia). Crédito da foto: Acervo do autor.



Figura 7. Representação da constelação do Homem Velho também pode ser observada no software *Stellarium* (versão v1.15.0), que permite visualizar o céu segundo diferentes cosmologias e tradições culturais. Fonte: APP Stellarium - <https://stellarium.org/pt/>

2. Entre arte e astronomia: saberes ancestrais e o cosmos

O universo sempre nos inspirou com grandes questões: o cosmos é finito ou infinito? Qual a sua forma? Teve um começo? Terá um fim ou é eterno? Que lugar ocupa a Terra nessa imensidão? Estamos sozinhos ou existe vida além do nosso planeta? Desde a mitologia, passando pela filosofia e pela religião, até chegar à ciência, buscamos respostas para essas perguntas.

Para a astrofísica Montserrat Villar, do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas), a interpretação do cosmos e o conhecimento do firmamento foram capturados pela arte, que tem funcionado como um veículo essencial para a conservação, transmissão e transformação desse saber (Figura 8 e 9).



Figura 8. Robert Smithson, Spiral Jetty, 1970. Obra construída com rocha basáltica e sal-gema no Grande Lago Salgado. A forma espiral remete tanto aos movimentos geológicos quanto às estruturas cósmicas, aproximando a obra de fenômenos como nebulosas em rotação — uma reflexão sobre tempo profundo, matéria e a relação entre paisagem terrestre e paisagem celeste. Fonte: <https://holtsmithsonfoundation.org/spiral-jetty> Fonte: <https://www.theweather.net/news/science/astronomers-discover-the-most-distant-spiral-galaxy-zhulong-a-cosmic-giant-from-the-early-universe.html>



Figura 9. Nancy Holt, 1976. *Sun Tunnels* (1973–76) — obra de Land Art composta por quatro túneis de concreto no deserto de Utah, alinhados com os ângulos dos solstícios, projetando padrões de luz solar e lunar através de buracos que evocam constelações. Fonte: <https://holtsmithsonfoundation.org/sun-tunnels-0>

No mesmo sentido, em um pensamento pluriversal — que não privilegia uma única região ou perspectiva como a correta, mas reconhece a validade de diferentes visões — é coerente destacar registros brasileiros em que a arte rupestre reconstrói fragmentos da história do pensamento sobre o cosmos. Segundo Afonso

A arte rupestre pré-histórica é a fonte mais importante de informação que dispomos sobre os primórdios da arte, do pensamento e da cultura humana. A palavra *Itacoatiara*, que em tupi e em guarani significa “pedra pintada”, é frequentemente utilizada para denominar os rochedos decorados. Existem alguns painéis de arte rupestre que, além do Sol, da Lua e de constelações, parecem representar fenômenos efêmeros, como a aparição de um cometa muito brilhante, um meteoro, uma conjunção de planetas ou um eclipse, que alteravam a ordem do universo e amedrontavam o povo, sendo, portanto, registrados. Assim, esses registros podem ser úteis para o astrônomo documentar antigos eventos celestes. (Afonso, 2009, p. 1).

A riqueza e a diversidade dos materiais astronômicos presentes em nosso território permitem adotar uma perspectiva diferenciada: a dos saberes ancestrais, capazes de reconstruir a forma como interpretamos, compreendemos e transformamos o universo.

Luiz Galdino (1970), membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Paulista de Arqueologia e da Sociedade Paraibana de Arqueologia, pesquisou a arte rupestre pré-histórica no Brasil. Ao percorrer o país, do Rio Grande do Sul à Amazônia, e em seu livro '*A Astronomia Indígena*' (2015), apresentou uma série de relatos sobre a riqueza do passado astronômico brasileiro, contribuindo, de certo modo, para questionar o ceticismo com que muitos autores viam as obras dos povos indígenas ancestrais.

No Brasil, as inscrições rupestres não apenas registravam as observações dos "astrônomos" da nossa pré-história (Figura 10), mas, por meio da sistemática que regia tais observações, é possível comprovar a existência de calendários aplicados, sobretudo, à agricultura. Entretanto, os registros rupestres não eram a única forma de documentação: aqueles povos também ergueram monumentos de pedra, utilizados, por exemplo, como observatórios para os solstícios e equinócios, conhecidos como megalitos⁴ (Figura 11).

⁴ Megálitos são grandes estruturas ou pedras pré-históricas, do grego mega (grande) e lithos (pedra), usadas em monumentos e construções com funções religiosas, funerárias, sociais e astronômicas. Podem ser monumentos isolados, como menires (pedras verticais), ou conjuntos de pedras, como cromeleques (círculos de pedras) e dólmenes (estrutura em forma de mesa).



Figura 10. Detalhes de símbolos gravados na Pedra do Ingá. Revista História Viva - edição especial Grandes Temas nº 51, editora Duetto. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_do_Ingá

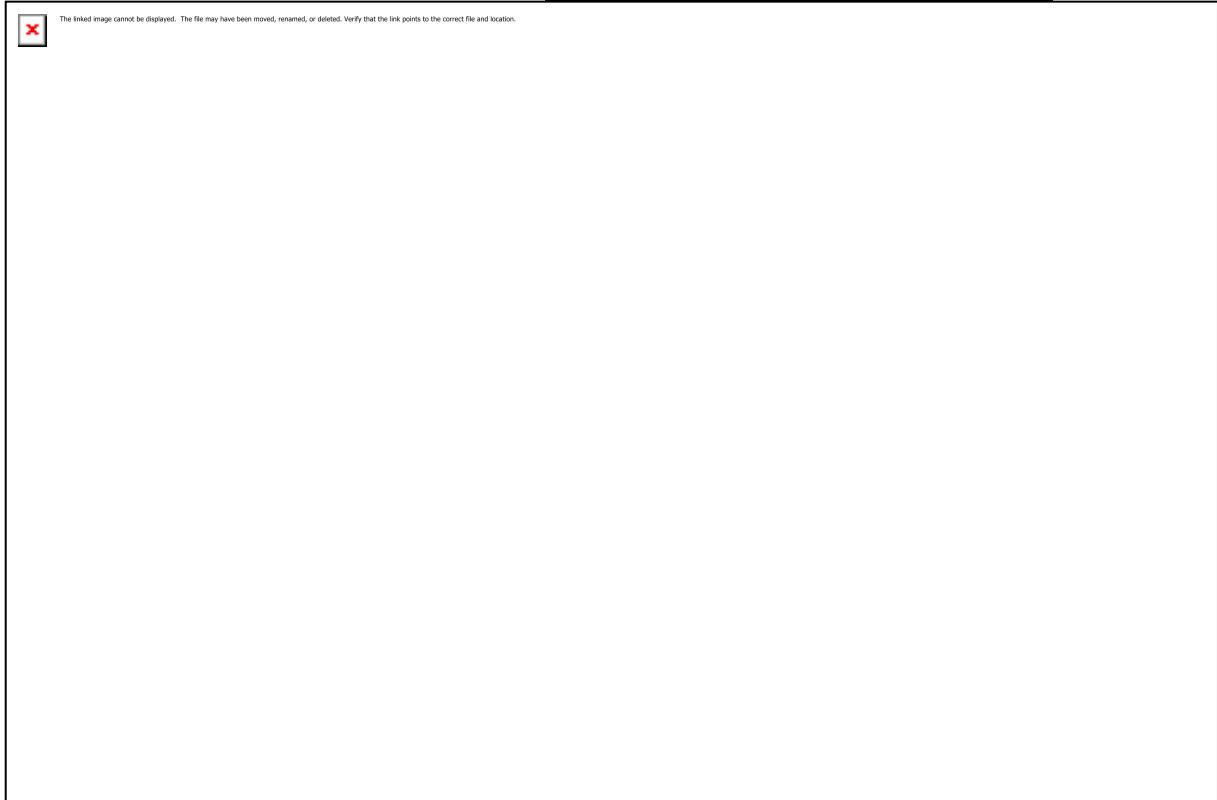


Figura 11. Círculo de pedras fica no topo de uma colina em Calçoene, a 374 km de Macapá. Foto: Iago Fonseca/GEA Fonte: <https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/stonehenge-da-amazonia-vai->

ganhar-parque-para-preservacao/?srsltid=AfmBOorq7CnWOzfzJa0qYeXWmUP4a0PwA4wx6MUzHzFQIZNJbZE_ip3c

O físico Marcelo Gleiser (2019, p. 13) argumenta que precisamos reorientar nossa relação com o planeta diante da violência contra o meio ambiente e da indiferença em relação à vida, reforçando a urgência de “ressacralizar a Terra”. Ressacralizar, nesse caso, não significa em sentido religioso, mas refere-se ao respeito, ao afeto e à profunda conexão espiritual com a vida. Para nossos ancestrais, a natureza era sagrada e misteriosa, pois nela coexistiam espíritos nos animais, nas árvores e nas montanhas. Durante milênios, culturas indígenas em todo o planeta honraram essa tradição, reconhecendo que não estamos acima da natureza, mas que somos parte da coletividade da vida. Entretanto, a Terra foi dessacralizada e objetificada, transformada em recurso a ser explorado e, com isso, as criaturas com quem dividimos o planeta perderam o direito de existir.

Nessa mesma direção, o psicólogo Guto Pompeia, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ressalta que, segundo suas palavras, “*essa mudança de paradigma é urgente, mas difícil de ser realizada, pois exige modificar formas enraizadas de pensar e sentir a si mesmo, os outros e o mundo*”. Trata-se de uma citação literal extraída do episódio final da série documental *Consciência 3* (episódio 5, 2020, 25min30s). É, portanto, nesse hiato que a arte pode assumir papel de protagonismo, atuando como instância mediadora e homeostática, capaz de promover equilíbrios múltiplos — existenciais, simbólicos e sensíveis.

3. A paisagem celeste como território fértil para práticas artísticas

Ailton Krenak, ao explicar o conceito de Gaia — a visão da Terra como um organismo vivo, interconectado e autorregulado —, destaca que, ao reconhecermos nossa inserção em uma vasta totalidade evolutiva, compreendemos o universo como algo dinâmico, histórico e em constante transformação, em que pertencemos ao cosmos e que esse cosmos também nos habita: “O cosmos, o infinito, cabe dentro de nós. Isso quer dizer: não estamos acabados, não estamos finalizados. Somos processo” (*Consciência 3*, episódio 5, 2020).

No mesmo princípio, Antonio Donato Nobre, cientista ligado às pesquisas sobre Gaia, ao refletir sobre a importância dos saberes ancestrais diante da necessidade de reduzir a interferência humana no sistema Terra em tempos de Antropoceno, afirma:

Existem muitas coisas que a ciência não demonstrou, e a gente tem que ter a capacidade não só de respeitar, mas até de venerar, como fazem os povos nativos. Eles veneram o que não conhecem. Nós temos que ter essa capacidade e isso não é religião, é responsabilidade. [...] Dentro das coisas que nós não conhecemos, estão os sistemas que nos permitem existir. Eu não vou destruir uma coisa que não conheço, se ela não demonstrou como funciona (Consciência 3, episódio 5, 2020).

A reflexão sobre o cosmos, a etnoastronomia e a natureza revela que a arte pode funcionar como um canal privilegiado para experienciar essa conexão. Ela traduz observações, sentidos e processos invisíveis, abrindo espaço para que os humanos reconheçam sua participação em uma totalidade viva. Nesse encontro, a prática artística se torna sinônimo de cuidado e pertencimento, permitindo que sensibilidade e ética caminhem juntas na relação com o planeta e com o universo de maneira geral. No livro '*O olhar ecológico: A construção de uma história da arte*', Patrizio (2019) reforça que:

A história da arte – e não apenas a arte isoladamente – precisa aprender a contribuir para o debate nas humanidades sobre as fronteiras entre humano e não humano, as construções culturais da natureza e a biopolítica, bem como sobre como a justiça ambiental e o ativismo afetam as formações políticas e culturais. (Patrizio, 2019, p. 36)

Sendo assim, o fazer artístico revela-se como um espaço de investigação que permite não apenas a contemplação do universo, mas também a participação ética e afetiva nesse mesmo universo. Carl Sagan (1980, p. 42) aponta que “nós somos feitos de matéria das estrelas. Nós somos um modo pelo qual o cosmos pode conhecer a si mesmo”. Essa percepção reforça a ideia de que a contemplação do céu, das estrelas e dos fenômenos naturais não é apenas um exercício estético, mas também epistemológico: trata-se de reconhecer nossa origem, nossa interdependência e nossa responsabilidade em relação ao todo do qual fazemos parte.

O cosmos está repleto de verdades sofisticadas de inter-relações primorosas, do incrível maquinário da natureza. A superfície da Terra é a costa do oceano cósmico. Nessa costa, nós aprendemos a maior parte do

que sabemos. Recentemente, nós avançamos um tanto, talvez até a altura dos joelhos, e a água parece convidativa. Alguma parte de nosso ser sabe que viemos daqui. Nós desejamos voltar. E podemos. Porque o cosmos está também dentro de nós. Nós somos feitos de matéria das estrelas. Nós somos um modo pelo qual o cosmos pode conhecer a si mesmo. (*Ibid.*)

Patrizio (2019) sugere que a imaginação criativa e a sensibilidade artística funcionam como mecanismos de autorregulação e registro da realidade, auxiliando na identificação do que é tóxico e na valorização do que é significativo. Em outras palavras, a ação artística pode atuar como um instrumento de cuidado planetário, oferecendo percepções que complementam o conhecimento científico e ampliam a compreensão das crises ambientais contemporâneas.

A paisagem celeste emerge como um território fértil para poéticas, manualidades e experimentações. O céu e o cosmos não são apenas cenários visuais, mas campos simbólicos e imaginários que permitem articular memória, mito, ciência e estética. A arte torna-se uma ferramenta de resistência necessária, possibilitando que ritmos, mitos e sensações cósmicas dialoguem com as urgências atuais. A seguir, apresentam-se alguns trabalhos realizados com a intenção de homenagear os saberes astronômicos indígenas, ao mesmo tempo em que estimulam o aprendizado por meios criativos e sensíveis.

Na projeção de video *mapping Cosmo-cidade* (2025) (Figs. 12 a 14), buscou-se trabalhar uma série de frases projetadas sobre a fachada de um edifício residencial, com o propósito de provocar uma reflexão sobre o nosso lugar no cosmos.



Figura 12. A) O cosmos nos atravessa. Você sente? Figura 13. A cidade cresceu, mas o céu se esconde — projeção de vídeo mapping sobre a fachada de um edifício, utilizando projetor doméstico. Fonte: Marco Cherfêm, Cosmo-cidade, 2025.

Na vida metropolitana, marcada pela pressa e pela verticalização dos espaços, o céu acaba frequentemente passando despercebido – ou mesmo esquecido – em meio à paisagem urbana. A proposta, portanto, é relembrar que estamos literalmente no espaço, cercados por estrelas, deslocando-nos da noção de centralidade que molda a vida contemporânea. Essa perspectiva dialoga com a visão dos povos originários, que observavam o firmamento não como um fim, mas como um meio de conexão e pertencimento.



Figura 14. C) Somos poeiras de estrelas — projeção de vídeo mapping sobre a fachada de um edifício, utilizando projetor doméstico. Fonte: Marco Cherfêm, Cosmo-cidade, 2025.

Na sequência, a obra *Re-imprimindo o céu ancestral via wi-fi* (2025), foi realizada uma instalação inspirada no capítulo 51 do livro *História dos Padres Capuchinhos*, de Claude d'Abbeville. Nesse capítulo, traduzido pelo historiador, filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras Rodolfo Garcia (1873–1949), o autor apresenta um panorama do conhecimento astronômico indígena com uma série de palavras e frases em língua tupi, descrevendo relatos sobre astros, planetas e constelações, e como esses saberes eram aplicados no cotidiano. Esse conhecimento, hoje praticamente esquecido, torna-se um recurso potente para pensar uma abordagem gráfica e ao mesmo tempo representativa. (Figura 15-19).



Figura 15. A) Registro fotográfico da instalação. Foi utilizado uma impressora Epson, que imprimiu o capítulo 51 do livro numa espécie de pergaminho. Fonte: Marco Cherfêm, *Re-imprimindo o céu ancestral via wi-fi*, 2025.

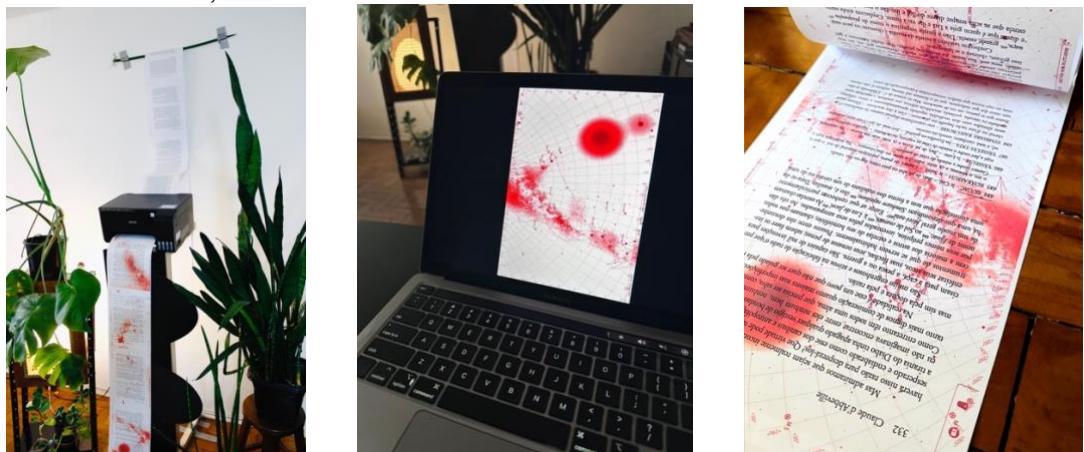


Figura 16, 17 e 18. B) Foto de outro ângulo da obra, em que o pergaminho foi sustentado por uma lança de São Jorge preso com silvertape. C) Imagem gráfica a ser impressa na tela de computador. D) Impressão da constelação feita sobre o texto.

O processo iniciou com o registro dessas constelações por meio do aplicativo *Stellarium*, que apresenta representações como *A Ema*, *O Homem Velho*, *O Veadão* e *A Anta*. As imagens foram então manipuladas no *Photoshop*, invertendo cores e saturando-as em vermelho (Figura 19). Em seguida, sobre um protótipo semelhante

a um pergaminho — feito com folhas A4 coladas e já impressas com o texto do capítulo (cerca de oito páginas) — foram impressas as constelações. O resultado gerou uma expressão gráfica singular: manchas que antes eram estrelas, nebulosas e gases passaram a lembrar pingos ou gotas de sangue. Essa estética reforça a dimensão trágica do extermínio não apenas das existências indígenas, mas também de seus conhecimentos.

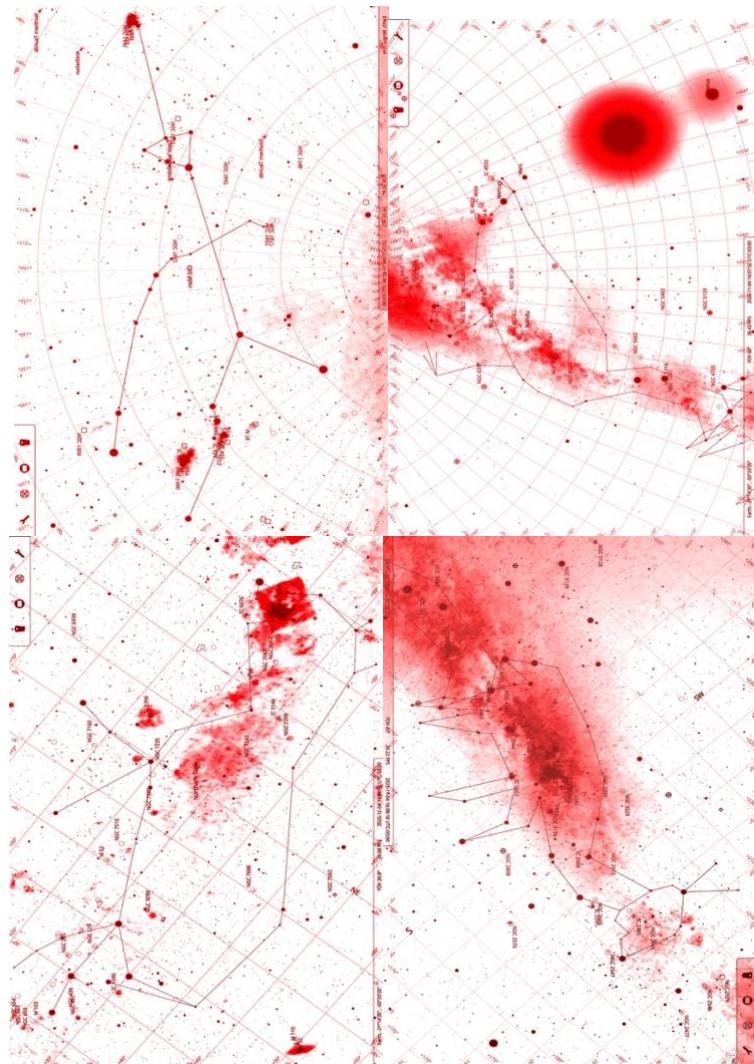


Figura 19. Representação gráfica das quatro principais constelações indígenas, o Homem Velho, a Ema, a Anta e o Veadão.

Por fim, seguindo nesse mesmo raciocínio das constelações astronômicas indígenas também foi realizado a obra *Terra Boa (Nakre-ehé)*, *Céu Antigo*, 2025. (Figura 20 e 21), inspirado no céu Tupi-Guarani.



Figura 20. Instalação inspirada na constelação tupi-guarani que orienta ciclos e saberes astronômicos indígenas. A forma ovalada remete ao gesto primordial de criação, propondo um diálogo entre cosmogonia, tempo e ancestralidade. Fonte: Marco Cherfém, *Terra Boa (Nakre-ehé), Céu Antigo*, 2025.

Terra Boa (Nakre-ehé), Céu Antigo, tem o significado entre etnoastronomia e a sensibilidade contemporânea. Inspirada na constelação Tupi-guarani, a instalação apresenta uma forma ovalada que remete simultaneamente ao gesto de origem — o ovo como matriz da vida — e ao movimento cílico das narrativas celestes. A obra propõe um diálogo entre criação, tempo e ancestralidade, evocando a ideia de que o cosmos é um organismo vivo e pulsante. A partir dessa materialidade simbólica, a instalação torna-se um dispositivo poético para refletir sobre os saberes astronômicos indígenas e sobre a maneira como essas cosmologias continuam moldando percepções de mundo e experiências sensíveis.



Figura 21. Cena que simula um ateliê a céu aberto, onde a disposição dos elementos remete ao encontro entre arte e ciência, evocando um espaço de criação e prática artística em diálogo com a natureza e com cosmologias indígenas e outros conhecimentos astronômicos. Fonte: Marco Cherfêm, Terra Boa (Nakre-ehé), Céu Antigo, 2025.

Em consonância com essas ideias, os autores do texto *“Artistic Practices in the Anthropocene”* destacam que práticas artísticas não apenas comunicam, mas reconfiguram a forma como percebemos o real, abrindo possibilidades de habitar o mundo de maneira mais responsável. A emergência climática, portanto, não é tratada apenas como problema científico ou político; ela se transforma em provocação estética e ética, convidando à ação, ao cuidado e à criação de futuros possíveis.

Além disso, ao integrar saberes ancestrais, como salientam Krenak e Nobre, a arte pode aproximar o humano de formas de conhecimento que reconhecem a

Terra como organismo vivo. O respeito e a veneração por aquilo que não conhecemos – característica fundamental dos primeiros astrônomos – são transformados em princípios que orientam a criação artística contemporânea, oferecendo experiências que conectam o indivíduo a uma percepção mais ampla de pertencimento ao universo.

O campo da ecologia estética propõe que a arte, ao dialogar com a ciência e com práticas culturais diversas, funcione como catalisador de consciência ambiental. Ela oferece a possibilidade de experimentar, por meio do ato criativo, relações mais equilibradas com a natureza, promovendo não apenas reflexão, mas ação transformadora.

Portanto, ao considerar a relação entre natureza, cosmos, etnoastronomia e arte, conclui-se que a criação estética contemporânea tem um papel central no Antropoceno: ela não apenas interpreta o mundo, mas resgata saberes do passado para pensar novas possibilidades de consciência ecológica. Trata-se de um convite à reflexão sobre nossas responsabilidades, ao mesmo tempo em que estimula novas formas de coexistência com os organismos não humanos e promove a compreensão de que o universo — vasto, dinâmico e inacabado — também nos habita. Essa noção cósmica, embasada na arte, possibilita reconhecer que somos parte de um processo maior, em que a sensibilidade, a estética, a consciência pluriversal e a ação constituem uma prática contínua e necessária para o cuidado e a manutenção planetária.

4. Referências

AFONSO, G. B. Galileu e a natureza dos Tupinambá. **Scientific American Brasil**, n. 84, p. 60-65, 2009.

AFONSO, G. B. Mitos e estações no céu tupi-guarani. **Scientific American Brasil** (Edição Especial: Etnoastronomia), v. 14, p. 46-55, 2006.

AFONSO, G. B. Astronomia indígena. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC** – Manaus, AM, julho 2009. Disponível em: https://www.spcnet.org.br/livro/61ra/conferencias/CO_GermanoAfonso.pdf. Acesso em: 11 de novembro de 2025.

AFONSO, G. B.; BARROS, O.; CHAVES, A.; RODI, M. R. (Coord.). **O céu dos índios Tembé**. Belém: Universidade do Estado do Pará, 1999. (Prêmio Jabuti, 2000).

CAPOZZOLI, Ulisses. Uma pré-história do céu. In: PICAZZIO, E. (Org.). **O céu que nos envolve**: introdução à astronomia para educadores e iniciantes. São Paulo: Editora Odysseus, 2011. p. 12–26.

CONSCIÊNCIA 3. Episódio 5: A consciência de Gaia. Direção: Renato Barbieri. Produção: 02 **Produções Artísticas e Cinematográficas Ltda**. Disponível em: Amazon Prime Video. Acesso em: 25 set. 2025.

GARCÍA, I. A.; MONTERO, G. **La astronomía en Mesoamérica**. Madrid: Itio Ediciones, 2022.

GLESER, M. **O despertar do universo consciente**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2024.

GUZZO, M. S. L.; DIAS, S. O.; MORAES, A.; FAGUNDES, G. M.; RIBEIRO, W.; ALVES, K. R.; TADDEI, R. Artistic practices in the Anthropocene. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 49, p. 223–247, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-112922-112400>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-environ-112922-112400>. Acesso em: 25 set. 2025.

PATRIZIO, A. **O olhar ecológico**: a construção de uma história da arte ecocrítica. Campinas: Editora Unicamp, 2023.

PICAZZIO, E. (Org.). **O céu que nos envolve**: introdução à astronomia para educadores e iniciantes. São Paulo: Editora Odysseus, 2011.

SAGAN, C. **Cosmos**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

SILVA, J. Aprendendo sobre a história brasileira: a República Velha. **YouTube**, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obuRxNgAh6c>. Acesso em: 25 set. 2025.

VILLAR MARTIN, M. Direção: Sonia Prior. Reflejos del cosmos. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/TNZUYIGbCxM?si=qhjctC5fChuKJMOB>. Acesso em: 25 set. 2025.

Sobre o autor

Marco Antônio Sanches Cherfêm é pesquisador, doutorando em Artes Visuais na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e artista visual. Desenvolve pesquisa em poéticas visuais com foco na natureza, etnoastronomia e nas relações tempo-espaciais. Brasileiro, natural de Atibaia-SP, coordena o curso de Design Gráfico EAD no SENAC, onde também leciona as disciplinas de Projeto Integrador de Identidade Visual Corporativa e Projeto de Embalagem. É mestre pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e graduado em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac-SP.

Como citar

CHERFÊM, Marco Antônio Sanches. Poéticas cósmicas: a etnoastronomia na Arte Contemporânea
Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. [n.p.], jul./dez. 2025.. DOI 10.14393/EdA-v6-n2-2025-79879 (versão ahead of print).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não
Comercial 4.0 Internacional.